

Traços morfossintáticos do item de vocabulário *você*: explorando a sintaxe e suas interfaces

Morphosyntactic features of the vocabulary item *você*: exploring the syntax and its interfaces

Giovana Pereira Abranches¹

Isabella Lopes Pederneira²

RESUMO: Neste artigo, o objetivo central é analisar os contextos em que diferentes leituras do item de vocabulário *você* ocorrem, buscando revelar sua composição interna no que diz respeito aos seus traços abstratos a partir do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997). É possível distinguir pelo menos duas leituras deste pronome - um *você* que se refere apenas ao interlocutor e *você* com leitura genérica. Neste último contexto, o pronome pode ser interpretado como “qualquer/ toda pessoa/ alguém”. Exploram-se duas hipóteses para esse fenômeno - o item de vocabulário *você* é subespecificado para pessoa, o que permite que seja inserido em nós com traços diferentes sem alteração na fonologia do item de vocabulário; e/ou o contexto sintático determina estas leituras.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia distribuída; item de vocabulário *você*; traços abstratos e implementação fonológica; sintaxe e interfaces.

ABSTRACT: In the present paper, the main objective is to analyze the contexts in which different readings of *você* occur, seeking to reveal its internal composition with regard to its abstract features, based on the theoretical framework of Distributed Morphology (MARANTZ, 1997). It is possible to distinguish between at least two readings of this pronoun - *você* referring only to the listener and *você* with a generic reading. In the latter context, the pronoun can be interpreted as “anyone/everybody/somebody”. Two hypotheses for this phenomenon are explored - the vocabulary item *você* is underspecified for person, which allows it to be inserted in nodes with different features without changing the phonology of the vocabulary item; and/or the syntactic context determines these readings.

KEYWORDS: distributed morphology; vocabulary item *você*; abstract features and phonological implementation; syntax and interfaces.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista da CAPES, giovanaabranches@letras.ufrj.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9040-6183>.

² Professora do Departamento de Letras Vernáculas e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista da FAPERJ - Edital Jovem Cientista do Nosso Estado/2022, isabellapederneira@letras.ufrj.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5884-8472>.

1 Introdução

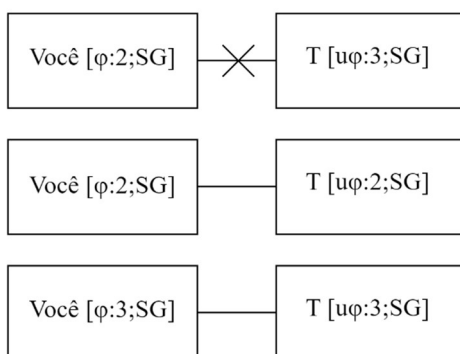
A reanálise de *Vossa Mercê* até o pronome *você* é um fenômeno muito estudado dentro do quadro de mudanças morfossintáticas que ocorreram no português. Enquanto a maioria dos estudos sobre esse processo parte de uma perspectiva funcionalista e sociolinguística (CHAVES, 2006; CINTRA, 1972; LOPES, 2001; MACHADO, 2011; MARCOTULIO, 2012; RUMEU 2013; VITRAL, 1996;), neste artigo, propomos uma análise sincrônica, no quadro teórico da Morfologia Distribuída, tendo como foco uma análise estrutural dos traços morfossintáticos desse pronome.

Nota-se que os traços formais do pronome *você* não são tão claros. Por um lado, a concordância verbal parece se dar com formas de terceira pessoa do singular, mas esperamos que os traços deste pronome sejam de segunda pessoa do singular:

- (1) a. Você gosta de ir à praia.
b. Você se machucou.

Este *mismatch* nos leva a ponderar se os traços de pessoa em T são diferentes dos traços do pronome. Se este fosse o caso, na concordância com a terceira pessoa, não haveria pareamento, valoração e eliminação dos traços não-interpretáveis de T, uma questão problemática para Teoria de Verificação de Traços (CHOMSKY, 1995). Deste modo, esperaríamos que sentenças como em (1) fossem agramaticais; no entanto, sabemos que esse não é o caso:

Figura 1 – Possíveis relações de concordância do pronome *você*



Fonte: Elaboração própria.

É possível ainda observar sentenças em que o pronome *você* não aparece representando um interlocutor específico, o que pode indicar a existência de traços que diferenciem esse uso do pronome. Buscamos observar os contextos em que o *você* pode ser empregado, novamente no intuito de revelar a composição de traços abstratos que o compõem. Parte-se do pressuposto de que há pelo menos duas leituras possíveis - *você* com leitura específica (2a) e *você* com leitura genérica (2b):

- (2) a. Você ia muito à praia.
- b. Você acha esse tipo de produto no mercado.

A leitura genérica de *você* abrange um grupo [+humano] não específico, que potencialmente inclui falante e ouvinte (note que há pronomes que não permitem leitura genérica ou que apesar de permitirem uma leitura genérica, nunca permitem a inclusão das segunda e primeira pessoas, como é o caso de *eles*). O *você* genérico costuma ser usado para dar conselhos, passar instruções, fazer generalizações ou para criar um senso de inclusão. O que este *você* inclui varia de acordo com o contexto em que está inserido:

- (3) a. É chato quando você não tem o que fazer no fim de semana.
- b. O bom de ser professor é que você aprende muito com as experiências em sala de aula.

Em (3a), o pronome refere-se a “qualquer pessoa”, incluindo o ouvinte e o falante desta sentença. Em (3b), o pronome refere-se a um subconjunto específico – “qualquer professor”. O falante e ouvinte podem ou não estar incluídos a depender se eles fazem parte deste subconjunto. Pode-se notar, ainda, que apesar de poder figurar em frases com essa interpretação, o pronome *você* não é sempre intercambiável com “pessoas” ou “qualquer pessoa”:

- (4) a. Qualquer pessoa tem boca.
- b. Pessoas têm boca.
- c. #Você tem boca.

Assim, a leitura genérica deste pronome não está sempre disponível. Existem condições que bloqueiam o *você* genérico, forçando necessariamente uma interpretação específica do pronome. Em (5a), as duas leituras estão disponíveis, em (5b) apenas a leitura específica é possível e em (5c) apenas a genérica (não consideramos aqui um contexto de imaginário, em que a pessoa foi transportada a 1950):

- (5) a. Você aprende com seus erros.
- b. Você aprendeu com seus erros.
- c. Você não podia fazer isso em 1950.

No que diz respeito ao estudo de pronomes com esta leitura genérica, diversos termos conceituais são utilizados: pronome arbitrário, impessoal, indefinido, genérico, entre outros. Para melhor debater esta questão, além de investigar a composição interna dos pronomes, revisaremos algumas propostas acerca dos pronomes com leitura genérica. Na seção 2, apresentaremos os contextos sintáticos e semântico-pragmáticos que licenciam essa leitura; na seção 3, revisaremos algumas propostas acerca do pronome de segunda pessoa genérico; na seção 4, apresentamos brevemente os pressupostos teóricos que norteiam o artigo; na seção 5, propomos uma análise dos dados apresentados; e, na seção 6, fazemos as considerações finais.

2 A relação entre contextos morfossintáticos e as leituras de *você*

Nesta seção, mostraremos alguns contextos em que a leitura genérica de *você* é permitida e aqueles em que esta parece ser inaceitável.

2.1 Contextos morfossintáticos

Sobre o contexto em que *você* ocorre, como poderá ser observado adiante, a leitura genérica é barrada em sentenças episódicas, ou seja, *você* só pode ocorrer em uma sentença genericamente quantificada. Vemos, portanto,

que não temos leitura genérica em sentenças com aspecto perfectivo quando estas marcam eventos pontuais:

- (6) Pretérito Perfeito do Indicativo
 - a. #Você pagou muitas contas.
 - b. # Em 1980, você trabalhou muito para pagar as contas.
 - c. ?Você mal terminou de pagar uma conta e logo chegou outra.

- (7) Futuro do Pretérito do Indicativo
 - a. # Você terá terminado de pagar muitas contas.
 - b. # Em 2024, você mal terá terminado de pagar uma conta e logo terá chegado outra.
 - c. ? No futuro, você mal terá terminado de pagar uma conta e logo terão chegado outras.

Já com aspecto imperfeito, esta leitura se torna possível, mas não em qualquer sentença; é necessário expandir o contexto morfossintático. Com contexto morfossintático expandido, referimo-nos ao fato de que é necessário o uso do período composto, a adição de modificadores ou a adição de verbos modais. Pode-se notar abaixo que as sentenças “expandidas” acrescentam uma noção de condição. Parece, assim que a expansão do contexto torna possível a interpretação em mundos possíveis, fazendo com que o valor de base de um interlocutor possa ser generalizado:

- (8) Pretérito Imperfeito do Indicativo
 - a. #Você pagava muitas contas.
 - b. (Naqueles tempos) Você pagava uma conta e logo chegava outra.

- (9) Presente do Indicativo
 - a. # Você paga a conta.
 - b. Você paga uma conta e logo chega outra.
 - c. # Você é responsável para fazer um projeto desses.

d. Você tem que ser responsável para fazer um projeto desses.

Em posição de tópico, a leitura genérica é menos saliente, talvez até mesmo inaceitável:

- (10) a. ?Você, se começa a fumar hoje, amanhã já está usando outras coisas.
b. Se você começa a fumar hoje, amanhã já está usando outras coisas.

Já em posição de foco, é completamente barrada a leitura genérica:

- (11) a. #Foi você que chegou atrasado (e não ele).
b. #É você que se começar a fumar hoje, amanhã está usando outras coisas.

Outras posições sintáticas não demonstram a mesma restrição. Em (12a) *you* ocorre em posição sintática de objeto indireto; em (12b), como objeto direto (tanto na forma morfológica associada ao acusativo quanto na forma associada ao nominativo³) e em (12c), o possessivo *sua/tua* tem leitura genérica:

- (12) a. Se o projeto dá um notebook para você, este precisa ser devolvido em um ano.
b. Quando alguém te ama de verdade, você percebe.
c. Convidar alguém para entrar na sua/tua casa, devia ser visto como algo muito sério.

Por fim, a alteração do modo Indicativo para o Subjuntivo não barra a leitura genérica; esta segue dependendo dos fatores já comentados até aqui, tais como aspecto e contexto morfossintático expandido:

³ Apesar de estarmos chamando “você” de forma nominativa para facilitar a compreensão, não consideramos que o item de vocabulário “você” seja especificado para caso, uma vez que pode ser usado no caso nominativo, acusativo e oblíquo:

(i) Você é legal
(ii) Ela ama você
(iii) Ele deu um presente para você

(13) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

- a. #Se você começasse a fumar hoje, amanhã já está usando outras coisas.
- b. ? Naqueles tempos, se você fosse no mercado, encontraria esse produto.

(14) Futuro do Subjuntivo

- a. #Quando você sair da casa dos seus pais, você vai ganhar responsabilidade.
- b. No futuro, quando você sair da casa dos seus pais, você receberá ajuda do governo.

(15) Presente do Subjuntivo

- a. #Acredito que você ganhe um vale-alimentação.
- b. Acredito que você ganhe um vale-alimentação ao se inscrever neste programa.

2.2 Contexto semântico-pragmático

Além do contexto morfossintático, a leitura específica ou genérica parece não se adequar a alguns contextos semântico-pragmáticos. Vejamos sentenças como as de (16):

- (16) a. Você é sortudo se você ganha na mega-sena.
b. Você fica feliz quando você ganha na mega-sena.

Sabemos que ganhar a mega-sena não é um evento habitual, que se repete diversas vezes a um único indivíduo, de modo que causa estranheza fazer esta generalização sobre uma pessoa determinada. Desta forma, apesar de possível, a leitura específica parece menos adequada, sendo a leitura genérica a mais saliente. Cabe ressaltar que estes contextos de leitura mais apropriados

não dizem respeito à gramaticalidade da leitura neste determinado recorte sintático, mas à restrição do contexto pragmático considerando a frequência do fato no mundo real.

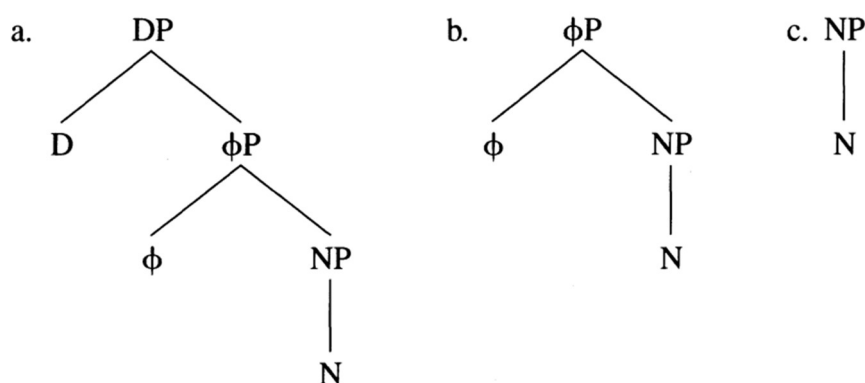
3 Sobre pronomes genéricos

Nesta seção, buscamos observar propostas acerca da estrutura pronominal de pronomes com leitura genérica. Parece haver espaço para uma expansão destes estudos na perspectiva da Morfologia Distribuída.

2.2 Gruber (2017)

Baseando-se na divisão proposta por Déchaine e Wiltschko (2002), Gruber (2017) observa os pronomes *jij* (pronome forte de segunda pessoa) e *je* (pronome fraco de segunda pessoa) no holandês. Déchaine e Wiltschko (2002, 2015) argumentam que há, estruturalmente, três tipos pronominais: pro-DP, pro- ϕ P e pro-NP. As autoras propõem essa diferenciação, primeiramente, com base no comportamento diferente dos pronomes primeira/segunda pessoa e de terceira pessoa - os últimos podendo ser, diferentemente dos primeiros, uma variável ligada.

Figura 2 – Tipos Pronominais



Fonte: Elaborado por Déchaine e Wiltschko (2002).

Os pro-DPs funcionam como expressões referenciais, respeitando o princípio C. Em relação à semântica, pro-DPs seriam sempre definidos/dêiticos. Seus sub constituintes, pro- ϕ P e pro-NP, têm comportamentos sintáticos diferentes: pro- ϕ Ps são variáveis e podem ser ligados localmente, funcionando ou não - no primeiro caso, respeitam o princípio A, no segundo caso respeitam o princípio B. Já a segunda estrutura, pro-NP para as autoras seriam “indefinidos em relação à teoria de ligação e suas propriedades de ligação seguem de sua semântica inerente de uma maneira previsível” (DÉCHAINED; WILTSCHKO, 2002, p. 411, tradução nossa⁴).

Um dos principais argumentos de Déchaine e Wiltschko (2002) ao proporem estas estruturas é o fato de que pronomes de primeira e segunda pessoas não podem ser variáveis ligadas, ao contrário dos pronomes de terceira pessoa. No entanto, como apontado por Rullmann (2004), a primeira e segunda pessoas também funcionam como variáveis ligadas em algumas frases, o que pode ser observado em (17).

Assim, Déchaine e Wiltschko (2015) propõem que estas estruturas subjacentes (pro-DPs e pro- ϕ Ps neste caso) permitiriam explicar as duas interpretações nas frases abaixo, uma indexical e uma não-indexical, ou seja, as diferentes leituras teriam origem em diferenças estruturais:

- (17) Only I got a question that [I] understood (nobody else did)
 = (i) λx [x got a question that ySPEAKER understood] (...nobody else got a question that I understood)
 = (ii) λx [x got a question that x understood (...nobody else got a question that they understood)]⁵
 (DÉCHAINED; WILTSCHKO, 2015, p.1)

⁴ We argue that they are undefined with respect to binding theory; rather, their binding properties follow from their inherent semantics in a predictable way.

⁵ Dois significados são possíveis: ou ninguém mais recebeu uma pergunta que eu entendi, ou ninguém mais recebeu uma pergunta que eles mesmo entenderam. No primeiro caso, temos a leitura indexical, no segundo caso temos uma variável ligada, com leitura não indexical.

As autoras, portanto, argumentam contra a ideia de indexicalidade inerente da primeira e segunda pessoas, ou seja, estes pronomes não seriam inerentemente especificados com traços de [1ª pessoa] e [2ª pessoa].

Enfim, retornando à proposta de Gruber (2017) sobre pronomes genéricos, a autora observa que apenas o pronome fraco de segunda pessoa do singular *je* pode ter a leitura genérica, como pode ser visto em (18). Para explicar esta diferença, a autora propõe que pronomes dêiticos (ou indexicais, nos termos da autora) e pronomes genéricos tenham a estrutura de pro- ϕ Ps. Como o operador genérico GEN precisa quantificar sobre o pronome, somente pronomes que são variáveis, ou seja, que não possuem uma camada D, são possíveis nesses contextos.

- (18) a. In Nederland leerde jij fietsen zelfs voordat jij leerde lopen
“Na Holanda, você_{indexical} aprende a andar de bicicleta antes mesmo de você_{indexical} aprender a andar”
- b. In Nederland leerde je fietsen zelfs voordat je leerde lopen
“Na Holanda, você_{indexical} aprende a andar de bicicleta antes mesmo de você_{indexical} aprender a andar”
“Na Holanda, você_{genérico} aprende a andar de bicicleta antes mesmo de você_{genérico} aprender a andar”

(GRUBER, 2017, p. 201, adaptado.)

A base nominal destes pronomes e de pro-DPs seria a mesma - o nome *man* não pronunciado, que representa uma entidade especificada como [+senciente]. Ambos também possuem os traços de pessoa em ϕ (diferentemente do que propunham Déchaine e Wiltschko (2002, 2015) - na proposta destas autoras, os traços de pessoa ficaria em D em pro-DPs).

A diferença, então, dá-se pela falta da camada D, que tem um traço não-valorado de tempo. O *default* deste traço de tempo é UTTERANCE TIME. Como pro- ϕ Ps não tem essa camada, não há uma restrição temporal na interpretação.

a. 

b. 

É necessário levar em conta, no entanto, se a própria divisão em pro-DPs, pro- ϕ Ps e pro-NPs é proveitosa. Em seu artigo *A Note on the Categorization of Nominal expressions*, Heinat (2004) aponta críticas à essa categorização de Déchaine e Wiltschko (2002), algumas das quais mostraremos abaixo.

(19) John saw [Mary/me/you/us/you]_{DP} /[him/her/them]_{φP} /[one]_{NP}
(too).

Outro ponto é criticado por Heinat (2004). Um dos argumentos de Déchainé e Wiltschko (2002) em relação a primeira e segunda pessoas serem pro-DPs é o fato de que elas podem funcionar como determinantes:

- (DÉCHAINED; WILTSCHKO, 2002, p.421)⁶

⁶ É possível dizermos “nós linguistas”, “vocês linguistas”, mas não “eles linguistas.” Em PB, “eles linguistas” é uma construção gramatical.

como determinantes no singular. Assim, parecíamos estar diante de uma diferença relacionada ao traço de número, não de pessoa:

- (21) a. *I linguist *me linguist
 b. *you linguist *you linguist
 c. *he/she linguist *him/her linguists

(HEINAT, 2004, p.46)⁷

Uma outra problemática levantada se trata da Teoria de Ligação. Como para Déchaine e Wiltschko (2002) os pronomes pro-DPs respeitam o princípio C da teoria de ligação e as autoras classificam a primeira e segunda pessoas como pro-DPs, há necessidade de explicar por que esses pronomes em inglês (no caso, também em PB) aparentemente violam o princípio C. Para isto, Déchaine e Wiltschko (2002), seguindo Demirdache (1997), argumentam que a gramática regula apenas variáveis ligadas e que os DPs do inglês são quantificacionais. Consequentemente, estes sofrem alçamento do quantificador em LF. Assim, as violações do princípio C são reanalisados como violações de *strong crossover*.

No entanto, para Heinat (2004), há pelo menos um motivo para não reduzir o princípio C a violações de *strong crossover* - a sentença em (22b) deveria induzir violações de strong crossover como podemos averiguar se substituirmos a expressão referencial por um elemento *wh*- como em (22c). Assim, sentenças com pronomes que não c-comandam uma expressão-R induziram violação de *strong crossover*, mas esse não é o caso, porque posso dizer “A mulher que a viu amou Maria” (já que não há relação de c-comando, não há violação do princípio C).

- (22) a. *Eu sei que ele_i ama o Oscar_i
 LF: *[Oscar]_i [Eu sei que ele_i ama t_i]
 b. A mulher que a_i viu amou Maria_i
 LF: [Maria]_i [a mulher que a_i viu amou t_i]

⁷ Não é possível dizermos “eu linguista”, “você linguista” e “ele/ela linguista.”

c. *Quem_i que mulher que a_i viu amou?

(HEINAT, 2004, p. 47, adaptado.)

Por fim, outro argumento de Déchaine e Wiltschko (2002) para postular estas estruturas é que apenas pronomes de terceira pessoa, diferentemente dos pronomes de primeira e segunda pessoas, são usados em formação de palavras:

- (23) a. [she]-male⁸
b. [him]-bo (bimbo)⁹
c. *[me]-male
d. *[you]-goat

(DÉCHAINED; WILTSCHKO, 2002, p.426, adaptado)

- (24) The mes and yous and wes of this world

“Os ‘eus’, ‘vocês’ e ‘nós’ deste mundo”

(HEINAT, 2004, p.48, adaptado.)

Além da possibilidade, apesar de marginal, do uso de pronomes de primeira e segunda pessoas na formação de palavras, como em (24), Heinat (2004) propõe que é o traço de gênero que influencia nesta possibilidade e não uma estrutura sintática subjacente diferente entre os pronomes.

2.3 *Carvalho (2008, 2018)*

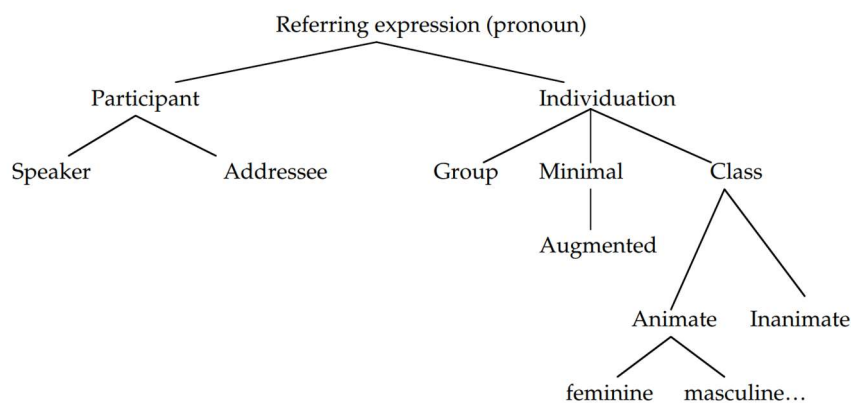
Este autor propõe, baseando-se na geometria de traços de Béjar (2003) e Harley e Ritter (2002), que os traços ϕ se dividam em três grupos: Participant, que inclui os traços Speaker ([falante]) e Addressee ([destinatário]); Individuation, que inclui os traços Group, Minimal e Augmented; e Class, que codifica gênero e outras classes informacionais. Focaremos no traço

⁸ Uma maneira ofensiva de se referir a mulheres transgênero.

⁹ “Bimbo” é um termo usado para se referir a mulheres consideradas atraentes e pouco inteligentes. “Himbo” é a versão masculina desse termo, com o pronome “him” indicando esta mudança no gênero da pessoa a qual a palavra se refere.

[PARTICIPANT], que segundo o Carvalho (2008, 2018) engloba traços que explicam a leitura genérica do pronome você:

Figura 4 – Geometria de traços de um pronome

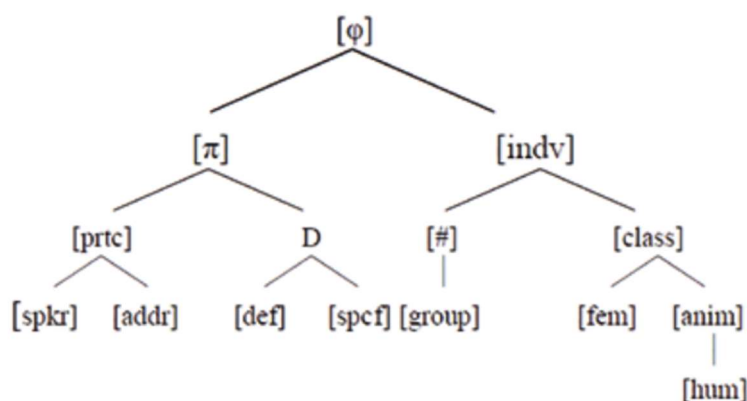


Fonte: Elaborado por Carvalho (2008).

Béjar (2003) introduz ainda o traço $[\pi]$ à geometria de Harley e Ritter (2002) entre a raiz do elemento referencial e o nó [PARTICIPANT]. Este seria um rótulo para categoria pessoa.

Além disso, para capturar a diferença entre a leitura específica e genérica de *você*, Carvalho argumenta que é preciso acrescentar traços a esta categoria. O autor propõe que sejam estes os traços gramaticalizados de definitude e especificidade:

Figura 4 – Geometria de traços do pronome após modificações



Fonte: Elaborado por Carvalho (2018)

Nesta visão, o autor propõe que a configuração do nó [pessoa] em PB seja como em (25) para segunda pessoa do singular e que [SPECIFIC] e [DEFINITE] sejam traços φ :

(25) 2ª pessoa:

a. Definido: $[\varphi[\pi[\text{part}[\text{addr}]][\text{D}[\text{spcf}][\text{def}]]]]$

b. Arbitrário: $[\varphi[\pi[\text{part}[\text{addr}]][\text{D}]]]$

(CARVALHO, 2018, p. 40)

Assim, na ausência de traços como [DEFINITE] e [SPECIFIC], *você* teria uma leitura que o autor chama de arbitrária. Nesta proposta, o autor não leva em conta traços com valores negativamente marcados; um traço está presente ou ausente na composição do pronome.

Cabe aqui traçar uma distinção entre a definitude semântica e gramatical. Para Lyons (1999), a definitude enquanto categoria gramatical, assim como outras categorias gramaticais, não pode ser completamente definida em termos semânticos ou pragmáticos, embora represente a gramaticalização de alguma categoria de significado. Assim, a correspondência entre categoria gramatical e categoria de significado não é unívoca. Segundo o autor:

Geralmente o caso é que categorias gramaticais não são expressões diretas dos conceitos semânticos/pragmáticos dos quais podem se dizer que estes são gramaticalizações. Quando um conceito vem a ser representado gramaticalmente, ele toma uma nova vida, e o resultado é que a categoria gramatical criada não está limitada a expressar aquele conceito. O conceito original provavelmente, no entanto, continua a ser o valor prototípico da categoria gramatical, de modo que a categoria pode ainda ser vista expressando este conceito em seus usos centrais.

(LYONS, 1999, p.276, tradução nossa¹⁰)

O autor afirma ainda que pronomes pessoais são inerentemente definidos. Esse é um ponto que levantamos no artigo: a definitude tem algum

¹⁰ It is generally the case that grammatical categories are not direct expressions of the semantic/pragmatic concepts which they can be said to be the grammaticalizations of. When a concept comes to be represented grammatically it takes on a new life, with the result that the grammatical category created is not limited to expressing that concept. The original concept is likely, however, to continue to be the prototypical value of the grammatical category, so that the category can still be seen as expressing that concept in its central use.

lugar enquanto traço morfossintático para o pronome? Se sim, pronomes pessoais são sempre definidos?

Como argumento a favor da ideia de que definitude é um traço morfossintático, Carvalho (2018) traz algumas instâncias da definitude como um traço relevante para sintaxe. Para descrever a flexão nominal em alemão, por exemplo, é necessário observar gênero, número e caso. Já para descrever a flexão adjetival, faz-se necessário observar, além de gênero, número e caso, três paradigmas flexionais diferentes - “fortes”, “mistos” e “fracos”. Apesar de não haver um único marcador de definitude em alemão nos adjetivos, a definitude é expressa através da escolha do determinante e da flexão dos adjetivos:

A ausência de um artigo correlaciona-se com a presença de adjetivos plenamente flexionados (flexão forte); artigos indefinidos (e alguns outros elementos, tais como pronomes possessivos) coocorrem com adjetivos portando flexão mista; artigos definidos coocorrem no sintagma nominal com adjetivos portando flexão fraca.

(CARVALHO, 2018, p. 31)

Este exemplo, no entanto, não nos indica se definitude seria relevante enquanto traço morfossintático do pronome.

2.5 Moltmann (2006)

Este autor estuda o uso genérico do pronome *one* do inglês. A proposta é que este pronome, em seu uso genérico, leve a generalização de uma experiência ou ação em primeira pessoa. Intuitivamente, um falante faria esta generalização aplicando o predicado a qualquer ser humano como se este fosse si mesmo, fazendo uma afirmação genérica e, de certa forma, uma referência a si mesmo - ou seja, o falante estaria tomando (simulando) a perspectiva de outras pessoas. Moltmann (2006) chama este processo de simulação genérica.

Nestas sentenças genéricas com *one*, haveria um operador genérico, representado por um operador vazio em posição de Spec-CP. Este operador carrega, bem como o próprio pronome, o traço de genericidade [+gn]. Este traço

é não-interpretável no pronome, mas interpretável no operador. Em uma frase com *one* genérico, teríamos, portanto, a seguinte forma lógica:

- (26) [CP [SPEC(C) O[+gn]]_i [IP most books that one_i buys are not about oneself_i]]

(MOLTMANN, 2006, p.262)

Pode-se notar, por outro lado, que expandir essa explicação para o pronome de segunda pessoa e propor o traço [+gn] para um pronome como *você* pode ser problemático, pois teríamos de explicar o porquê de apenas certos pronomes pessoais terem acesso a este traço (*a gente*, *nós*, *você* e *eu* podem ter leitura genérica; *eles*, *vocês*, *ela* e *ele* não são compatíveis com esta leitura). Holmberg & Phimsawat (2015) consideram o pronome de terceira pessoa do singular *they* como um pronome que permite leitura genérica exclusiva como veremos brevemente na seção 5 (esta leitura é apenas possível com a presença de um advérbio locativo):

- (27) In Italy, they like to take a nap in the afternoon.

“Na Itália, eles gostam de tirar um cochilo à tarde.”

(HOLMBERG & PHIMSAWAT, 2015, p. 11, adaptado.)

Nesta classificação, a terceira pessoa do plural só poderia ter uma leitura genérica exclusiva, enquanto a segunda pessoa teria uma leitura genérica inclusiva. Não focaremos neste uso de *eles*.

2.6 Discussões preliminares

A noção de inserção tardia (ver seção 3) parece crucial para todos os trabalhos apresentados, apesar de nem sempre ser explicitado pelos autores se este é o pressuposto nos trabalhos. Afinal, sem esta ferramenta, deveria haver duas entradas lexicais para explicar o comportamento de *você* (e outros pronomes) em todas as propostas vistas acima.

Além disso, o fenômeno do pronome genérico *você* também poderia ser explicado a partir da noção de subespecificação (ver seção 5) da Morfologia Distribuída: baseando-nos a proposta de Carvalho (2008), *você* poderia ser subespecificado para [definitude], podendo ser inserido em nós com traço [+def] ou [-def] (consideramos aqui traços binários, enquanto o autor considera o traço monovalente [DEFINITE]). Outra alternativa, baseando-nos na proposta de Moltmann (2006), seria propor que pronomes como *ele* são especificados como [+específico] e *você* é subespecificado para este traço, de modo que apenas pronomes subespecificados para o traço de especificidade poderiam apresentar leitura genérica, tendo o traço de genericidade presente no nó terminal. Este traço [+gn] não barraria a inserção de *você*, porque este item de vocabulário (IV) não seria plenamente especificado nem para genericidade, nem para especificidade, de modo que poderia ser inserido em nós com traço [+específico] ou [+genérico].

No entanto, perguntamo-nos se há necessidade de aumentar o arcabouço de traços na composição dos pronomes para dar conta destas leituras. Afinal, é necessário que haja fortes evidências para trazermos noções semântico-pragmáticas para o campo da morfossintaxe.

4 Fundamentação teórica

Este trabalho segue os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (EMBICK & NOYER, 2007; HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). Essa teoria considera que a sintaxe concatena não somente palavras para formação de sintagmas e sentenças, mas também morfemas que formam os itens lexicais. O termo “morfema”, diferente da noção estruturalista, representa nós abstratos que carregam função gramatical, mas não material fonológico.

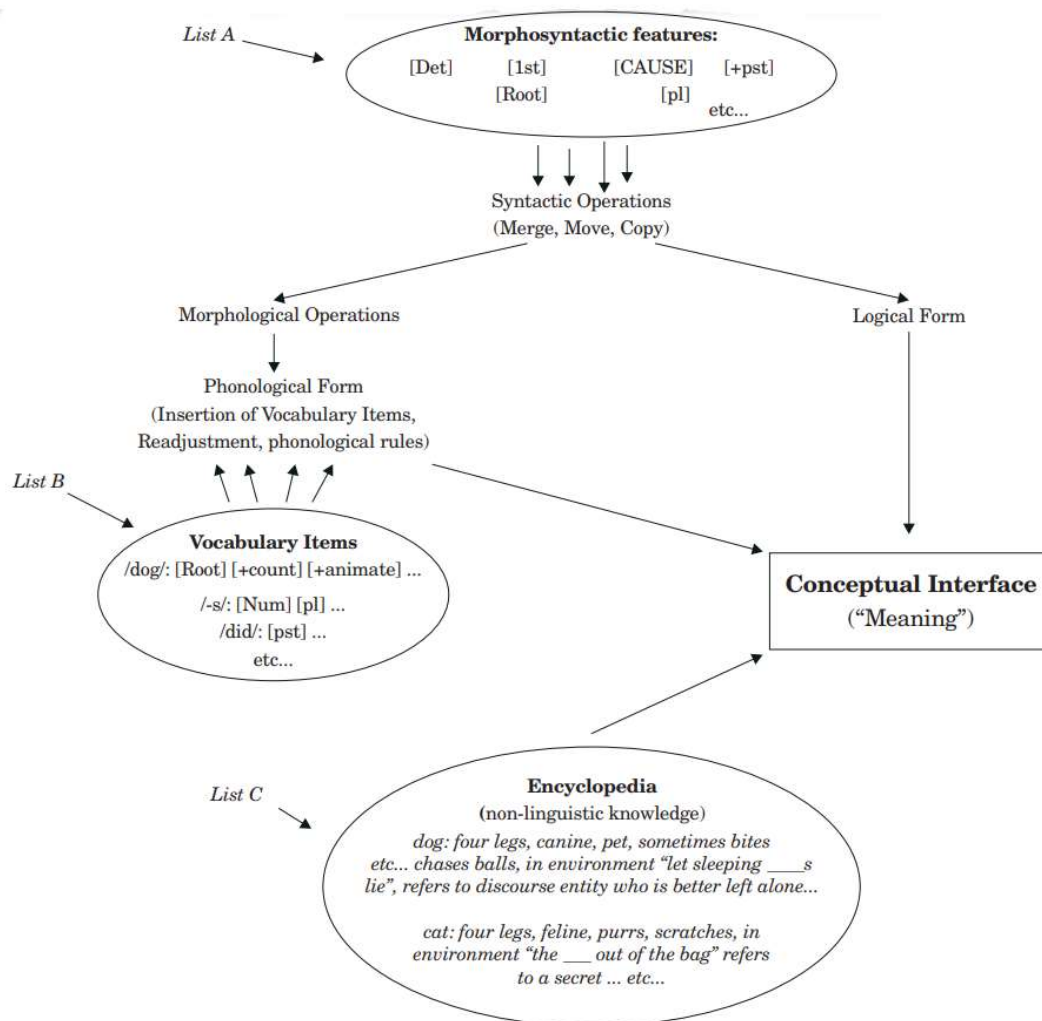
A Morfologia Distribuída também traz as importantes noções de subespecificação e inserção tardia que auxiliarão na identificação e explicação dos traços de *você*, a partir do funcionamento do modelo de gramática, que é dividido em três listas: a Lista 1 ou Traços abstratos fornece as raízes atômicas e morfemas gramaticais abstratos para o sistema computacional. Os conjuntos de morfemas gramaticais abstratos são determinados pela Gramática Universal e

talvez por princípios particulares a cada língua; a Lista 2 ou Vocabulário fornece as formas fonológicas para os nós terminais sintáticos. A Lista 2 inclui informação sobre as conexões entre conjuntos de morfemas gramaticais e material fonológico, com regras de inserção. Os IVs competem para a inserção, ganhando a competição o mais especificado quanto aos traços albergados pelo nó onde deverá ser inserido; e a Lista 3 (ou Enciclopédia) lista os significados especiais de raízes particulares em contextos sintáticos específicos, dentro de domínios locais.

Essas três listas se relacionam, considerando ainda três propriedades fundamentais. São elas:

- Inserção Tardia - inserção de IVs (a informação fonológica) na estrutura sintática criada pelo sistema computacional ocorre após a construção do esqueleto sintático;
- Subespecificação de Item de Vocabulário - o IV escolhido para ser inserido no nó sintático terminal não precisa conter todos os feixes de traços contidos no nó sintático candidato para a inserção. Em uma competição de IVs para a expressão do morfema, o item com todos os traços do morfema ou o que contém um subconjunto de traços mais especificado é o que ganha a competição;
- Estrutura Sintática Hierárquica “all the way down”: a estrutura de nós funcionais onde os IVs serão inseridos é determinada segundo a hierarquia das operações e princípios sintáticos. Além disso, a sintaxe é responsável por comandar não só a criação de sentenças e sintagmas, mas também a criação de palavras. Desse modo, se assume que os processos sintáticos concatenar, mover e copiar também são utilizados pelo sistema computacional para a formação de palavras.

Figura 5 – Arquitetura da Gramática da Morfologia Distribuída



Fonte: Elaborado por Harley e Noyer (1999)

Estudos sobre pronomes neste modelo gramatical podem ajudar a explicar de forma mais coerente e econômica (sem a necessidade de propor novas entradas lexicais) alguns fenômenos da língua como a concordância da suposta segunda pessoa com conjugação de terceira pessoa e os pronomes *te* e *se* que podem ser usados com referência à segunda pessoa. No mais, é possível esclarecer o uso do *você* genérico a partir de traços ou, preferencialmente, apenas a partir do contexto morfossintático e semântico-pragmático, de modo que novos traços não precisem ser postulados para composição dos pronomes.

5 Proposta

Sobre os traços que compõe *você*, a ideia inicial de que o pronome possui traços de segunda pessoa parece óbvia, mas observando a concordância verbal e os clíticos de segunda pessoa, a questão se torna mais nebulosa. O pronome *você*, no que diz respeito aos seus traços formais, parece especificado para terceira pessoa do singular (3 SG), enquanto discursivamente refere-se à segunda pessoa do singular. Menuzzi (2004), partindo de um pressuposto similar, assume que *a gente* apresenta a especificação gramatical [P:3; N:Singular], dado que observamos a partir da concordância sujeito-verbo e na relação local com o reflexivo *se*:

- (28)
- a. A gente gosta de você.
 - b. A gente se viu na TV.
 - c. *A gente nos viu na TV.
 - e. Nós nos vimos na TV.
 - d. A gente disse que ele nos viu na TV.

Nesta perspectiva, *a gente* possuiria traços gramaticais de terceira pessoa, mas traços semântico-discursivos de primeira pessoa do plural, o que o autor considera ser uma violação de COMPSEM considerada aceitável:

- (29) Compatibilidade semântica [COMPSEM]: um índice deve ser compatível com as especificações lexicais do NP ao qual é atribuído.

O clítico *nos* só poderia ser utilizado com certa “distância sintática.” Menuzzi (2004) explica que, por haver mais barreiras entre os pronomes, não temos uma cadeia primitiva, mas uma cadeia por analogia. Desse modo, a condição de compatibilidade de cadeia não atua de forma absoluta, podendo ser violada:

- (30) Compatibilidade de cadeia (COMPCADEIA): Se (a,b) formam uma cadeia, então as especificações de traços de b devem ser compatíveis com as especificações de traços de a.

O mesmo deveria valer para *você*, que, no domínio local, seleciona o reflexivo de terceira pessoa e concorda verbalmente com a terceira pessoa do singular:

- (31) a. Você gosta de mim.
b. Você se viu no espelho.
c. *Você te viu no espelho.
d. Você disse que ele te viu no espelho.

Por outro lado, podemos propor que *você* apresenta traços formais de segunda pessoa, não terceira pessoa e tanto a terminação verbal, quanto o reflexivo *se* de terceira pessoa do singular são, na realidade, subespecificados para pessoa. Isto explicaria por que as construções (31a) e (31b) são gramaticais. Assim, o aparente problema de concordância verbal e a violação de COMPSEM e COMPCADEIA seriam resolvidos se considerarmos que *você* é inserido em um nó especificado para segunda pessoa e o IV correspondente a conjugação verbal de “terceira pessoa” é subespecificada para [pessoa]. Não havendo especificação de pessoa no IV, esta conjugação pode ser inserida em nós diferentes (de flexão da segunda e terceira pessoas) sem *crash* na derivação.

Caberia explicar por que *te* não seria o item escolhido para inserção, uma vez que é mais especificado que *se* para pessoa. O que faria *te/se* ser escolhido seria uma restrição de localidade refletida em algum traço - *se* poderia estar especificado pelo traço [+anafórico], por exemplo, de modo que *se* só pode ser inserido em contextos locais. O pronome *te* não poderia ocorrer como reflexivo por conta da conjugação de terceira pessoa: formas anafóricas concordam com Infl. Em domínios não-locais, como a forma pronominal não é movida para I, não há problemas na ocorrência de *te*.

- (32) a. Você disse que se viu no espelho.
b. *Você disse que te viu no espelho.
c. Você se viu no espelho.
d. *Você te viu no espelho.
e. Você disse que ele te viu no espelho.

No entanto, ao propormos que o material fonológico é subespecificado para pessoa, estamos considerando que o nó terminal onde é inserida a flexão seja especificado para a segunda pessoa no caso da concordância com *você*. Portanto, não deveria haver problemas com uma frase como (32d), uma vez que tanto o nó da flexão quanto o nó em que o pronome *te* será inserido possuem especificação de segunda pessoa. No entanto, sentenças em que *te* é usado como reflexivo de *você* não são gramaticais.

Assim, considerar *você* um pronome de segunda ou terceira pessoa apresenta vantagens e desvantagens diferentes. Podemos observar abaixo os fenômenos que cada abordagem explica, o que nos indica que considerar que o pronome *você* é inserido em nó com traço de terceira pessoa explica de maneira mais satisfatória os problemas observados:

Tabela 1 – Possibilidade de traços de *você*

	Agramaticalidade de <i>te</i> reflexivo	Gramaticalidade de <i>se</i> reflexivo	Gramaticalidade de <i>te</i> em domínio não local	Concordância com terceira pessoa	Traços gramaticais compatíveis com interpretação semântica
Traços de segunda pessoa	✗	✗	✓	✓	✓
Traços de terceira pessoa	✓	✓	✓	✓	✗

Fonte: Elaboração própria

Sobre a leitura genérica de *você*, percebe-se que esse uso é extremamente dependente do contexto morfossintático e semântico-pragmático (ver seção 2.1 e 2.2) em que o pronome *se* encontra, ocorrendo necessariamente em uma sentença genericamente quantificada. Neste sentido, *você* genérico se aproxima de DPs indefinidos genéricos que “são fórmulas com uma variável livre (...) que tem sua variável presa por um quantificador genérico” (BARBOSA; MULLER; OLIVEIRA, 2001), ou seja, necessariamente ocorrem em sentenças genericamente quantificadas. No entanto, a princípio, não parece suficiente propor que o traço de definitude diferencie as duas leituras do pronome *você*. Seguindo Kratzer (1997), percebe-se que há uma restrição forte (mas não categórica) a DPs definidos em sentenças existenciais. No caso, observa-se, em (17), que tanto *você* genérico quanto específico não podem aparecer em sentenças existenciais.

- (33) a. *Tem/há você nessa sala.
b. *Quando tem/há você nessa sala, começam a cobrar pela hora.
c. Quando você entra nessa sala, começam a cobrar pela hora.

Assim, se há um traço de definitude nos pronomes pessoais, estes aparentam ser sempre definidos. Supomos que o nó terminal seja sempre plenamente especificado e que a definitude seja um traço binário, de modo que não podemos assumir que “falta” o traço de definitude neste nó e é isto que leva à leitura genérica. Nessa perspectiva, se a (in)definitude faz parte da composição do pronome, ela deve estar sempre marcada no nó terminal, mas pode estar subespecificada no IV.

No entanto, mais crucial que isto é considerar a seguinte questão: haveria necessidade de postular um traço como [+gn] ou propor que o pronome *você* seja subespecificado para definitude? Não nos parece ser o caso. O que propomos, então, é que *você* tem sempre o mesmo valor de base, em ambas as situações, mas a sentença genérica permite que emergja outra leitura - na verdade, a sentença genérica é necessária para que esta outra leitura seja possível. Caso propuséssemos um traço como [+gn] caberia explicar por que alguns pronomes não têm acesso a este traço e outros sim - *nós*, *a gente* e *eu*, sendo *você* o mais produtivo (cf. KATO; TARALLO, 1986; CAVALCANTE, 1999; DUARTE; LOPES, 2002). Afinal, não é qualquer pronome que pode ter leitura genérica. Percebe-se que os pronomes pessoais de terceira pessoa, em uma mesma sentença genérica, continuam com leitura específica no PB. Interessantemente, o pronome segunda pessoa do plural também não permite esta leitura genérica:

- (34) a. Se você começa a fumar hoje, amanhã está usando outras coisas.
b. #Se ele/ela começa a fumar hoje, amanhã está usando outras coisas.
c. #Se eles/elas começam a fumar hoje, amanhã estão usando outras coisas.
d. #Se eles/elas começam a fumar hoje, amanhã estão usando outras coisas.

- (35) a. Naquela época, você tinha que ter cuidado.
b. #Naquela época, ele/ela tinha que ter cuidado.
c. #Naquela época, eles/elas tinham que ter cuidado.
d. #Naquela época, vocês tinham que ter cuidado.

Poder-se-ia postular que mais um traço semântico foi gramaticalizado para explicar essa impossibilidade, como o traço de especificidade. Os IVs que só podem ser inseridos em nós com traço [+específico] (além dos outros traços de pessoa, número, gênero e caso) não poderão apresentar leitura genérica. Segundo o Princípio do Subconjunto, IVs não precisam ser plenamente especificados para serem inseridos em um nó terminal, mas não podem possuir traços que não estejam presentes nesse nó.

Novamente, devemos pensar se é necessária a proposição de mais traços morfossintáticos. Para propor que este é um traço ϕ , por exemplo, como em Carvalho (2008, 2018), deveríamos ter evidências de que este traço é relevante para operações morfossintáticas envolvendo pronomes, o que não parece ser o caso no PB e nas outras línguas apresentadas nas propostas acima.

Restam ainda algumas perguntas que em um quadro teórico bem delimitado e com metodologia coerente poderão ser respondidas, tais como: por que *você* barra leituras ambíguas, restando a específica? Por que *ele*, *ela* e *eles* não tem leitura genérica? Observe que os pronomes de terceira pessoa não são participantes do discurso, diferentemente dos pronomes de primeira e segunda pessoas. Assim, o que barra a leitura de “qualquer pessoa”, é justamente o fato de que a terceira pessoa exclui parte dos candidatos - necessariamente nos referimos a todos/um grupo do qual falante e ouvinte não fazem parte, enquanto *você* apresenta a potencialidade de incluir também falante e ouvinte. Nesta perspectiva, os pronomes de terceira pessoa não poderiam ter uma leitura genérica inclusiva (ou seja, que inclui a primeira e segunda pessoas) por não ser um participante do discurso. Holmberg & Phimsawat (2015) diferenciam entre pronomes genéricos inclusivos (se refere a pessoas no geral), quasi-inclusivos (se referem às pessoas no geral, incluindo o falante, mas não o ouvinte) e exclusivos (referem-se a pessoas em geral de um certo domínio, mas não ao

falante e ao ouvinte). Uma outra possibilidade seria verificar a flexão de gênero. É possível conjecturarmos que, como *ele*, *ela*, *eles* e *elas* possuem marcação de gênero, isso impede que estes pronomes assumam uma leitura genérica - ou seja, a interpretação genérica só seria possível mais próxima à “raiz”.

Essa ideia se repete na questão do plural: formas plurais supletivas, ou seja, que não são formadas pelo acréscimo da flexão permitem a leitura genérica. O traço [+plural] não parece impedir, portanto, a leitura genérica, mas a flexão está relacionada a este fenômeno, de modo que as possibilidades de leitura estão abertas apenas na “raiz”. O acréscimo de marcação de gênero e número, que envolvem novas peças morfológicas para formar a palavra, estando mais altos na árvore, retiram uma parte das possibilidades de interpretação.

6 Considerações finais

Observamos, ao longo deste artigo, diferentes propostas para dar conta da composição de traços de pronomes. A ideia de decompor pronomes em estruturas menores está alinhada com o quadro teórico delimitado - a Morfologia Distribuída, que analisa este item funcional como um complexo de traços. Entender que traços são essenciais para a composição dos pronomes pessoais nos ajuda a eliminar componentes desnecessários ou pertencentes ao campo da semântica e da pragmática, mas não da sintaxe. As noções de subespecificação e inserção tardia permitem que se proponha um quadro mais coerente para os clíticos usados para segunda pessoa (*se* e *te*), sem a necessidade de postular múltiplas entradas lexicais.

Resta ainda analisar de forma mais aprofundada se o uso do *você* genérico tem a acrescentar (ou não) ao quadro de traços que compõem os pronomes pessoais. A postulação de mais traços não explica por que existem contextos em que estes traços são acessíveis e contextos em que estes são barrados. Se considerarmos que *você* possui um mesmo valor de base e o próprio contexto morfossintático e semântico-pragmático dão conta das diferentes leituras possíveis, não precisamos postular novos traços para dar conta desta leitura. O contexto expandido, por exemplo, permite uma interpretação condicional (Você mal termina de pagar uma conta e logo chega

outra) ou um deslocamento físico/temporal (*Na Holanda*, você aprende a andar de bicicleta antes mesmo de aprender a andar/ *Em 1950*, você podia encontrar muitas árvores nesta rua) que permite uma generalização do *você* considerando outros mundos possíveis. Apesar de ainda ser necessário expandir essa análise, a proposição de mais traços morfossintáticos precisaria de um suporte mais robusto do que o que foi demonstrado até o momento.

Referências

BARBOSA, Pilar e MULLER, Ana Lúcia de Paula e OLIVEIRA, Fátima. *Nomes simples: questões sintáticas e semânticas*. Boletim da Associação Brasileira de Linguística. Fortaleza: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo., 2001

BÉJAR, Susana. *Phi-syntax: A theory of agreement*, 2003. Tese (doutorado em linguística University of Toronto, Toronto, 2003

CARVALHO, Danniel da Silva. A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro. 2008. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

CARVALHO, Danniel da Silva. O estatuto morfossintático de definitude. In: CARVALHO, Danniel da Silva; DE SOUSA, Lilian Teixeira. (Orgs.). *Gramática gerativa em perspectiva*. São Paulo, SP: Editora Edgard Blücher Ltda. p.25-46.

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CHAVES, Elaine. Implementação do Pronome Você: a contribuição das pistas gráficas. 2006. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. MIT Press, Cambridge, Mass, 1995.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*:(ensaios). Lisbon: Livros horizonte, 1972.

DÉCHAINÉ, Rose-Marie; WILTSCHKO, Martina. Decomposing pronouns. In: *Linguistic inquiry*, v. 33, n. 3, p. 409-442, 2002.

DÉCHAINED, Rose-Marie; WILTSCHKO, Martina. When and why can 1st and 2nd person pronouns be bound variables. In: *NELS 40: Proceedings of the semantics workshop on pronouns*. Amherst, MA: GLSA, p. 1-50, 2015

DEMIRDACHE, Hamida. Condition C. In: BENNIS, Hans; PIERRE, Pica; ROORYCK, Johan (Eds). *Atomism and binding*, Dordrecht: Foris, p.51-87, 1997.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; LOPES, Célia Regina dos Santos. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais no século XIX. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah. *Para a História do Português Brasileiro*, v. 4, Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2002.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (eds.) *The Oxford handbook of linguistic interfaces*, p. 289-324, 2007.

GRUBER, Bettina. Temporal and atemporal uses of 'you': indexical and generic second person pronouns in English, German, and Dutch. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 20, n. 3, p. 199-227, 2017.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: BROMBERGER, Sylvain (ed.). *The View from Building 20: Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*, p. 111-176, 1993.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. *State-of-the-Article: Distributed Morphology*. *Glott*, v. 4, n.4, p. 3-9, 1999.

HARLEY, Heidi; RITTER, Elizabeth. Person and number in pronouns: A feature geometric analysis. *Language* 78(3): 482-526, 2002.

HEINAT, Fredrik. A Note on the Categorization of Nominal expressions. *Working papers in English linguistics*, vol. 4, 2004

HOLMBERG, Anders; PHIMSAWAT, On-Usa. Generic pronouns and phi-features: evidence from Thai. In: *The Second Asian and European Linguistic Conference Proceedings*. 2015. p. 55-71.

KATO, Mary Aizawa; TARALLO, Fernando. Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. *Studies in Romance Linguistics*, p. 343-358, 1986.

KRATZER, Angelika. German impersonal pronouns and logophoricity. Apresentação em *Sinn und Bedeutung II*. Berlim, Alemanha, 1997.

LIGHTFOOT, D. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Wiley-Blackwell, 1999.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Processo evolutivo de 'Vossa Mercê' > 'Você' (português) e 'Vuestra Merced' > 'Usted' (espanhol). *II Congresso Internacional da ABRALIN- Associação Brasileira de Lingüística*. 2001.

LYONS, Christopher. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. 2011. Tese (doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. University of Pennsylvania: *Working papers in linguistics*, v. 4, n. 2, p.14, 1997.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*. 2012. Tese (doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MENUZZI, Sérgio de Moura. Concordância da anáfora pronominal em português do Brasil. Conflitos entre condições gramaticais e semânticas, e a estrutura da gramática. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de. (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, p. 96-120, 2004.

MOLTMANN, Friederike. Generic one, arbitrary PRO, and the first person. *Natural language semantics*, v. 14, n. 3, p. 257-281, 2006.

RULLMANN, Hotze. First and Second Person Pronouns as Bound Variables. *Linguistic Inquiry*, v. 35, n.1, p.159-168, 2004

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

VITRAL, Lorenzo. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 4, n. 1, p. 115-124, 1996.

[Artigo recebido em 31 de janeiro de 2023 e aceito em 24 de julho de 2023.]